

Crianças em acolhimento residencial: Conteúdo temático das suas narrativas de vida

Diana Neves Teixeira* / Sara Ramos Silva* / Margarida Rangel Henriques*

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal

A narrativa constitui uma unidade semântica em forma de história que permite ao ser humano dar sentido à sua experiência. A investigação na área não tem sido conclusiva quanto à capacidade das crianças que vivenciaram maus-tratos integrarem estas experiências nas suas narrativas de vida. Alguns investigadores defendem que os maus-tratos afetam a capacidade mnésica das crianças, dificultando a recordação e a referência destas experiências; outros defendem que experiências traumáticas podem até ser melhor recordadas e hipernarradas do que experiências do quotidiano.

Neste estudo pretendeu-se mapear as temáticas que emergem nas narrativas de vida de crianças com passado de adversidade precoce, explorando se o tema dos maus-tratos chega a surgir nestas narrativas ou se até se torna o tema dominante. Participaram no estudo 16 crianças em acolhimento residencial, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos. Foi utilizada a *Entrevista de Narrativa de Vida com Crianças*, para a recolha das histórias de vida. A análise temática das narrativas de vida permitiu identificar que as crianças incluem em média 15 temas nas suas narrativas de vida, sendo que metade das crianças relatou episódios de Maus-tratos físicos e/ou psicológicos.

A diversidade temática encontrada nas narrativas de vida das crianças aponta para a capacidade adaptativa de estar disponível para a multiplicidade de vivências, sem permanecer dominado por uma narrativa rígida e monotemática. Além disso, a capacidade com que muitas crianças relatam acontecimentos de maltrato, distancia a hipótese da amnésia ou incapacidade de os narrar e encoraja a existência de espaços conversacionais abertos e sem restrições temáticas.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas, Narrativas de vida, Crianças, Acolhimento residencial, Conteúdo temático.

A narrativa enquanto conhecimento

O ser humano apresenta uma predisposição inata para organizar a sua experiência em forma de narrativa, permitindo-lhe compreendê-la e utilizá-la. Esta predisposição é potenciada pela cultura, através das tradições de contar e interpretar o que partilhamos com os outros, enriquecendo-nos com novas formas de contar histórias (Bruner, 2002).

A narrativa surge, não como o espelho exato da experiência, mas como o produto de uma construção de significados, culturalmente enquadrada, por parte do narrador (Gonçalves, 2000). Dado que a narrativa se trata da representação da história de vida, não pode ser verdadeira ou falsa, passando-se de um processo de busca da verdade a um processo de construção de significados. O significado emerge, então, como base para todas as narrativas, na medida em que entendemos o que aconteceu e projetamos o futuro (Gonçalves, 1994). O processo através do qual se constrói a narrativa implica um padrão específico de coerência temporal permitindo dar sentido a uma experiência, que de outro modo seria aleatória e caótica (Gonçalves, Korman, & Angus, 2000).

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Diana Neves Teixeira, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. E-mail: dteixeira@fpce.up.pt

As *narrativas autobiográficas* traduzem-se em histórias elaboradas com os acontecimentos de vida integrados como um todo ou em histórias que se focam em acontecimentos de vida específicos (Habermas, Ehlert-Lerche, & Silveira, 2009). No presente artigo iremos focar as narrativas autobiográficas que incidem sobre a *história de vida*. Estas serão, então, designadas de *narrativas de vida* e consistem na perspetiva do narrador acerca do curso da sua vida, englobando o que sabe que aconteceu na sua vida e, ainda, uma representação subjetiva do percurso, que é relembrado através de uma retrospectiva (Bluck & Habermas, 2000; Habermas & Silveira, 2008).

As narrativas de vida podem ser perspetivadas como uma autobiografia seletiva das experiências do indivíduo, onde a interpretação acerca dos seus acontecimentos de vida lhe proporciona unidade e propósito (McAdams, 1996). Uma narrativa de vida funcional aborda a questão da identidade pessoal, descrevendo como a pessoa se tornou no que é, com base na lembrança e interpretação de experiências passadas. No decorrer da vida, a narrativa muda para acomodar novas experiências e temáticas, visto que, a história de vida serve ainda como um quadro de assimilação de novos acontecimentos em termos de temas recorrentes da identidade (Pasupathi, Mansour, & Brubaker, 2007).

Em suma, a narrativa surge como produto de uma construção de significados elaborados pelo narrador (Gonçalves, 2000) e é através dela que este dá significado ao que aconteceu (Gonçalves, 1994). As narrativas de vida surgem, então, como a perspetiva do narrador acerca do seu percurso (Bluck & Habermas, 2000; Habermas & Silveira, 2008), a qual vai sendo adaptada à medida que surge a necessidade de integrar novas mudanças (Pasupathi et al., 2007).

Maus-tratos e acolhimento residencial

Os maus-tratos podem ser definidos de múltiplas formas mediante o enquadramento legal, médico, psicológico ou social. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, os maus-tratos infantis incluem todas as formas de maus tratos físicos e emocionais, abuso sexual, negligência e exploração que resultam em danos reais ou potenciais à saúde, ao desenvolvimento ou à dignidade da criança (OMS, s/d).

No seguimento dos episódios de maus-tratos, o n.º 1 do Artigo 3.º da Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo n.º 142/2015, de 8 de setembro (Procuradoria Geral Distrital de Lisboa, 2003), prevê que a promoção dos direitos e proteção das crianças/jovens em perigo tem lugar quando os cuidadores legais colocam ou são coniventes com algo que coloque em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento. Sempre que não seja possível aceder ao princípio da prevalência da família que surge como orientador da intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo, temos como recurso o acolhimento familiar ou residencial.

O acolhimento residencial surge, então, como uma medida de promoção e proteção com o objetivo de promover a educação, o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança (Paiva, 2012); no entanto, é associado pela criança a um sentimento de punição, à estigmatização e à discriminação social, conduzindo à desresponsabilização da família (Alberto, 2002). O momento da chegada à instituição é definido pelas crianças como uma experiência “*difícil, dolorosa, sendo fundamentalmente, acompanhada por sentimentos de tristeza, medo, mal-estar, nervosismo, solidão e vergonha*” (Carvalho, 2009, p. 34), acompanhada, frequentemente, por choro constante, rebeldia, isolamento e/ou tentativas de fuga recorrentes. A adaptação às novas circunstâncias implica o estabelecimento de novas relações que irão funcionar como facilitadores da integração. De acordo com Carvalho (2009), a perceção da criança em relação à institucionalização melhora tendencialmente com o decorrer do tempo, surgindo os pares e os cuidadores da instituição como elementos positivos neste contexto. Os pares tornam-se importantes pela ajuda que disponibilizam, particularmente no que respeita à exploração do espaço, a esclarecer dúvidas, a explicar o funcionamento da instituição, ao envolvê-los em brincadeiras e pelo espírito de solidariedade e partilha. Por sua vez, quando os cuidadores se disponibilizam para ouvir e marcam presença nos momentos de vida relevantes,

assumem-se como as figuras que na instituição se aproximam mais da representação de pai/mãe (Carvalho, 2009).

Maus-tratos e construção de significados

A literatura não tem sido consensual quanto ao impacto das experiências de maus-tratos vividas pelas crianças, ao nível da recordação dessas mesmas vivências. Alguns investigadores defendem que o stress e o trauma associados a estas experiências podem afetar as memórias, tornando-as mais pobres, desorganizadas e fragmentadas e conduzindo à dissociação da experiência (Bailey, Morgan, & Pederson, 2007). Em contraste, outros estudos sugerem uma maior elaboração destas narrativas, dada a maior dificuldade de assimilar essas experiências e a sua saliência emocional (Fivush, 1998; Fivush, Berlin, Sales, Mennuti-Washburn, & Cassidy, 2003; Howe, Cicchetti, & Toth, 2006), embora pareçam carecer de coerência narrativa (Henriques & Ribeiro, 2011). Dada esta tendência para um maior desenvolvimento das narrativas associadas a experiências maltratantes, o produto narrativo poderá surgir saturado, não permitindo a integração de outras experiências. A incapacidade para uma visão multifacetada da experiência conduz a um discurso patológico (Gonçalves, 2000). Gonçalves (2000) diz-nos que “*O protótipo narrativo é, neste caso, sinónimo de uma autoria narrativa inflexível, uma identidade fechada que dissocia ou restringe todas as experiências que não se enquadram no molde prototípico*” (p. 91).

No que se refere à construção da narrativa de vida, esta é uma tarefa especialmente complexa para as crianças em acolhimento residencial, uma vez que o seu percurso desenvolvimental foi marcado por descontinuidade, por acontecimentos de vida atípicos e por mudanças abruptas. A experiência de eventos traumáticos precoces e rupturas nos contextos de vida cria descontinuidade no fluxo contínuo de experiências, o que constitui um desafio maior à sua integração, levando a uma maior dificuldade na elaboração de narrativas de vida coerentes (Neuner, Catani, Ruf, Schauer, Schauer, & Elbert, 2008).

Nesta sequência, revela-se pertinente estudar o conjunto de significados a que estas recorrem para organizar as suas experiências. Não obstante a complexidade dos processos narrativos, neste estudo elegemos a exploração do conteúdo temático das narrativas de vida das crianças em acolhimento residencial. O presente estudo pretende assim: (1) mapear as temáticas que emergem nas narrativas de vida de crianças a viver em acolhimento residencial; (2) identificar os contextos que as crianças em acolhimento residencial incluem nas suas narrativas de vida e avaliar a existência de diversidade temática; e (3) explorar a referência a experiências de maus-tratos no momento de narrar a sua vida. Desta forma, espera-se clarificar se as crianças em acolhimento residencial excluem as experiências emocionais aversivas das suas narrativas de vida ou se, pelo contrário, as saturam com essas experiências marcantes ou, ainda, se incluem as várias experiências positivas e negativas vividas ao longo da sua vida, transmitindo uma capacidade de integração e fluidez na construção narrativa.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 16 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos de idade ($M=9.19$; $DP=1.68$), sendo 6 do sexo masculino (37.5%) e 10 do sexo feminino (62.5%). Os participantes foram selecionados por conveniência, encontrando-se numa situação de acolhimento residencial em quatro Centros de Acolhimento Temporário (CAT) do distrito do Porto. Como critério de exclusão foi definido o tempo de permanência em acolhimento residencial inferior a seis meses, de modo a garantir um período de adaptação ao contexto. As crianças tinham entre 4 e 11 anos ($M=7.81$; $DP=1.97$) aquando da chegada à residência de acolhimento e no

momento da participação no estudo estavam acolhidas em média há 15 meses ($DP=8.59$). Todas as crianças viveram com a sua família biológica antes de chegarem à residência de acolhimento e todas foram vítimas de maus-tratos: negligência ($n=14$), maus-tratos físicos ($n=6$), maus-tratos psicológicos ($n=6$) e abuso sexual ($n=1$), de acordo com o analisado no processo de cada criança.

Instrumentos

Ficha de identificação da criança e do percurso de vida (Ribeiro, 2009), preenchida através de uma entrevista estruturada ao técnico, com a finalidade recolher informação aprofundada sobre a história da criança, tendo em consideração os contextos familiar, de acolhimento e escolar.

Entrevista de narrativa de vida com crianças (LNIC) (Teixeira, 2014) que consiste numa entrevista semiestruturada, especificamente preparada para a recolha de narrativas de vida com crianças, contemplando estratégias facilitadoras da recordação autobiográfica e produção discursiva da criança. A entrevista está organizada por etapas, correspondentes a um suporte crescente por parte do adulto que começa por apenas ouvir o relato espontâneo da criança, até vir a conduzir a recordação através de questões específicas. Esta entrevista, para a qual a criança tem uma fase inicial de quebra gelo da relação com o entrevistador e de focalização da atenção em questões autobiográficas, contempla os diferentes níveis de memórias autobiográficas (Conway & Pleydell-Pearce, 2000), desde as *memórias específicas* essenciais à *construção* da história de vida, a estruturas superiores, como os *períodos de tempo de vida*, até à macroestrutura temporal presente da *narrativa de vida* encadeada. Através deste processo é possível, então, que as crianças desenvolvam uma narrativa acerca da sua vida. A aplicação desta entrevista implica uma formação especializada, tendo as autoras recebido treino para o efeito.

Procedimentos de recolha de dados

Após uma apresentação pessoal do estudo às Direções das casas de acolhimento e dos devidos pedidos de consentimento serem assinados, a recolha de dados decorreu em três momentos: (1) preenchimento da Ficha de Identificação da Criança e do Percurso de Vida com o técnico responsável pela criança; (2) apresentação dos investigadores à criança e estabelecimento de uma relação empática com esta; (3) administração da Entrevista de Narrativa de Vida com Crianças, a qual decorreu na própria casa de acolhimento numa sala com privacidade ou na Faculdade (FPCEUP), de acordo com a preferência dos responsáveis por esta autorização na casa de acolhimento. Aproximadamente uma semana após o último contacto com a criança, estabeleceu-se contacto telefónico com o técnico responsável por esta, no sentido de explorar se se teria registado alguma alteração comportamental ou emocional na criança. Assim, pretendeu-se assegurar que a intensidade da entrevista aplicada não se tornava fonte de perturbação e mal-estar para a criança, bem como, disponibilizar acompanhamento psicológico à criança, no caso de tal se ter verificado.

Procedimentos de análise de dados

Para proceder à análise de dados, as narrativas de vida foram gravadas em formato áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. A análise de conteúdo teve como unidade os temas que emergiram nas narrativas de vida elaboradas pelas crianças, sendo que o tema é definido como uma unidade de significado que surge naturalmente através da leitura de um discurso (Angus, Levitt, & Hardtke, 1999; Bardin, 2011). Desta forma, sempre que se verificou a mudança de assunto, não sendo um aprofundamento da temática em abordagem, foi considerado uma nova unidade temática, possibilitando a exploração dos núcleos de sentido que compõem o discurso da criança. A análise, tendo como referência o método de análise da *Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 1967), e não contando por isso com uma grelha de temas prévia, foi realizada por dois juízes em conjunto, permitindo a discussão e, posterior, consenso quanto ao número de temas por

narrativa, bem como à designação a atribuir a cada tema. Foram considerados para a análise os temas referidos por mais do que 25% ($n=4$) dos participantes.

Resultados

Os resultados apresentados correspondem à análise de narrativas de vida construídas por 16 crianças. A apresentação dos resultados irá ser realizada de acordo com os contextos que emergiram nas narrativas de vida analisadas. As categorias temáticas abordadas pelas crianças na construção das suas narrativas de vida e respetiva frequência serão explicitadas, tal como, será apresentada uma definição curta de cada categoria temática e exemplos ilustrativos da mesma. Salvuaguarda-se que os nomes usados são fictícios, de forma a proteger a identidade dos participantes no estudo.

Anteriormente defendemos que a narrativa pressupõe uma orientação temporal dos acontecimentos (Gonçalves et al., 2000). Os resultados verificados neste estudo vêm corroborar esta perspetiva, uma vez que, nas narrativas analisadas, as crianças tenderam a seguir uma organização temporal dos acontecimentos, também sugerida pela instrução da entrevista “*Vou pedir-te para me contares como é que tem sido a tua vida... conta o máximo de coisas que tu sabes que se passaram contigo desde que nasceste até agora, quando nasceste onde vivias, quem é que vivia contigo, como é que foi, e depois, e depois até agora.*” As crianças, ao longo da construção das suas narrativas de vida, referiram em média 15 temas ($Min=8$; $Max=22$) tendo abordado temas que remetem para os contextos familiar, de acolhimento residencial, escolar e, também, para o grupo de pares. Surgiram, ainda, categorias temáticas que por serem comuns aos diferentes contextos foram incluídos no grupo Outros. No total surgiram 27 categorias temáticas. Em seguida, apresenta-se um esquema no qual se explicitam os temas que emergiram das narrativas de vida incluídas na amostra e a respetiva percentagem de crianças que abordou cada um deles (Figura 1).

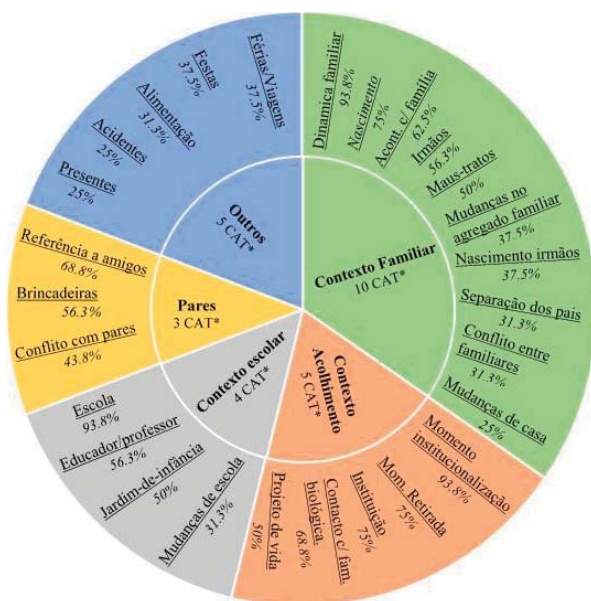


Figura 1. Esquema ilustrativo dos contextos e dos temas abordados pelas crianças na construção das suas narrativas de vida, tal como da percentagem de crianças que referiram cada tema
Nota. CAT*=Categorias Temáticas.

Associado ao contexto familiar surgiram 10 categorias temáticas: dinâmica familiar; nascimento; acontecimentos com a família; irmãos; maus-tratos; mudanças no agregado familiar; nascimento dos irmãos; separação dos pais; conflito entre familiares; e mudanças de casa.

A *Dinâmica Familiar* experienciada antes do acolhimento residencial foi abordada pela quase totalidade das crianças (15 em 16). Nesta categoria temática foram incluídas as referências aos elementos que constituíam os seus agregados familiares e a descrição das rotinas destes. A título de exemplo, a Telma (11 anos) referiu “*O meu pai trabalhava muito longe e os meus padrinhos não podiam tomar conta de mim também. Quando o meu pai ia passear o cão, eu ia com ele, quando a minha mãe me dava banho, eu chapinava-lhe a água toda e a minha mãe dizia para eu parar quieta e eu “não paro.” E depois o cão vinha, saltava para dentro da água e tomava banho comigo*”. A maioria das crianças ($n=12$; 75%) integrou o seu *Nascimento* nas narrativas de vida, explicitando o local onde este ocorreu, as pessoas que estavam presentes e descrevendo o dia. A este respeito, a Daniela (12 anos) contou que nasceu “*No dia 17 de Junho de 1997. Foi no hospital em (...) ... Não sei como é que se chama... E que a minha mãe me teve e mais nada.*”. Acrescenta-se que, embora a maioria das crianças tivesse abordado o nascimento, este surge como um tema pouco desenvolvido. Os *Acontecimentos com a família* ocorridos antes do acolhimento residencial foram abordados por mais de metade das crianças ($n=10$; 62.5%). Esta unidade temática distingue-se das dinâmicas familiares por se tratar do relato de episódios específicos (e não de rotinas). É de realçar que, mesmo tendo vivido acontecimentos de vida adversos no seu contexto familiar, as crianças tendem a incluir na sua história de vida acontecimentos do passado com as famílias e a narrá-los com muito detalhe e envolvimento. A Mafalda (9 anos), por exemplo, contou um episódio específico de um momento de refeição com os pais: “*Depois fui indo crescendo, crescendo e um dia a minha mãe estava a comer, eu fui a primeira a servir e a primeira a comer e fui ao quarto do meu pai, da minha mãe, tirei as minhas calças e peguei nas calças do meu pai, fui até à sala e mostrei-lhe e eles tiraram uma fotografia e acharam piada. Depois fui tirar, vesti outra vez as minhas calças*”. A integração da temática dos *Irmãos* nas narrativas de vida surge na maioria das crianças ($n=9$; 56,25%). Ao abordar os irmãos, as crianças fizeram referência a características destes e à relação com eles, como se ilustra com um excerto da narrativa de vida do Afonso (12 anos): “*Só que depois comecei a ficar com ciúmes. Quando a minha mãe estava a tratar das minhas irmãs, ficava com ciúmes, também queria mimo. Mas ela dar mimo dava-me. Dava-me à noite, quando ia para a cama. Eu nunca dormi na cama separado, dormi sempre com ela*”. Os *Maus-tratos* foram o quinto tema mais abordado das categorias temáticas associadas ao contexto familiar, tendo sido integrado nas narrativas de vida por metade das crianças ($n=8$; 50%). Nesta categoria temática foram incluídos os episódios de maus-tratos físicos e/ou psicológicos infligidos à criança por um adulto. A Daniela (12 anos) recordou: “*Bateu uma vez em mim. Eu estava no parque, porque a minha casa na Alemanha tinha lá um parque e tinha lá piscina e então eu sem querer empurrei o meu pai para a piscina e então o meu pai veio cá e começou-me a bater. Fui a chorar para casa... chamei-lhe nomes, estúpido... pronto vou dizer tudo: chamei-lhe boi. Era o que estava a vir-me à cabeça. O meu pai estava a tentar-me bater e eu fechei-lhe a porta na cara e tranquei-lhe os dedos e ele ficou assim com os dedos todos. Ele só por ser o meu pai não tinha o direito de me bater*”. Acrescenta-se que as crianças que incluíram a referência às vivências de maus-tratos nas suas narrativas de vida, abordaram em média 18 temas, evidenciando que a referência a essas vivências em nada restringiu a abordagem a outras temáticas, não se mostrando essa recordação absorvente e bloqueadora da descentração da criança. O tema das *Mudanças no agregado familiar* surgiu nas narrativas de vida de 6 crianças (37.5%), ilustrado com a alteração dos cuidadores ou com entradas e saídas de pessoas do seu núcleo familiar. A título de exemplo, a Inês (10 anos) incluiu na sua narrativa a vivência de uma mudança constante de cuidadores e o impacto que esta teve para si: “*Depois eu mudei para a minha avó. Ainda era pequenina e ainda não... Não senti nada, pronto. Depois fui crescendo e estava entre a minha madrinha, depois ia*

para a minha avó... Eu não me importava, porque eu não compreendia qual era o problema. Depois a minha tia também entrou, isto já com... seis anos". O Nascimento dos irmãos foi integrado nas narrativas de vida de mais de um quarto das crianças (n=6; 37,5%), destacando a importância que este momento teve para as próprias. O Afonso (12 anos) lembrou que "Depois houve as minhas manas, nasceram. Quando a minha mãe disse que estava grávida eu disse "quero que sejam duas meninas" e depois nasceram duas! Mas nasceram na casa de apoio à vítima quando eu estava em F. Foi fixe". A Separação dos pais, foi mencionada e explorada por 5 das crianças (31.25%), por exemplo a Daniela (12 anos) aborda a separação dos pais e a transformação no agregado familiar que daí resultou: "Depois, eu, a minha avó e a minha mãe ficamos tristes com ele, vivemos nós as três juntas e ele saiu de casa. E depois a minha mãe e ele, separaram-se". Contudo, na construção das narrativas de vida, as crianças mostraram alguma dificuldade em explorar estes episódios das suas vidas, manifestando falta de informação sobre os acontecimentos que as impedia de atribuir coerência ao momento de os recordar. Os Conflitos familiares foram mencionados por algumas crianças ao narrar a sua história de vida (n=5; 31.25%), fazendo referência à descrição de conflitos entre os diversos membros. A Inês (10 anos) conta um episódio de discussão entre o pai e a tia, com foco nos cuidados prestados a si: "Estavam todos na minha tia Liliana e a minha tia perguntou ao meu pai se ele queria deixar-me ficar com ela. E o meu pai disse-lhe que não e disse-lhe "se quiseres filhos, fá-los!" E então, desde aí, o meu pai e a minha tia Liliana nunca mais se entenderam". Finalmente no que respeita ao contexto familiar, surgiu o tema das Mudanças de casa antes do acolhimento residencial, referido por um quarto da amostra (n=4; 25%). Associado à referência à mudança de casa, pontualmente, foi referido o motivo que originou a mudança, contudo o relato das crianças sobre estes acontecimentos revelou que recordavam pouca informação. A Cátia (9 anos) descreveu: "Depois aos dois anos ainda me lembro, morava lá na mesma... Foi aos três que mudei de casa... fui para (...) e lá era fixe".

No contexto do acolhimento, integramos 5 categorias temáticas que emergiram nas narrativas analisadas: momento da institucionalização; momento da retirada; instituição; contacto com família biológica; e alterações do projeto de vida.

O *Momento da Institucionalização*, enquanto primeiro contacto com a residência de acolhimento, foi um acontecimento que se destacou pela elevada frequência com que foi mencionado, havendo apenas uma criança (12 anos) que não o fez. Ao abordar o tema, as crianças mencionaram o que sentiram e pensaram no dia da entrada no acolhimento residencial e as pessoas que fizeram parte desta transição. A Alexandra (7 anos) evocou o momento do acolhimento da seguinte forma: "A polícia trouxe-me para aqui e vim para esta casa que a outra casa estava em obras. Conheci primeiro o B. Ele era muito bonito. Depois foi a M., a S., o A. e o L, que já não está cá. Depois conheci os outros que estavam cá... o quarto das raparigas, dos bebés, a casa de banho e passei a ter amigos. (...) No primeiro dia chorei com saudades da minha mãe. E o A., a D., o B., e a S. e os outros meninos apoiaram-me e disseram-me para eu não chorar e depois eu não chorei mais e fui brincar." No entanto, as memórias deste dia nem sempre se revelaram claras para as crianças, tendo surgido verbalizações sobre a confusão vivenciada por não perceberem o que estaria a acontecer ou para onde se dirigiam. O *Momento da retirada* à família biológica foi, igualmente, abordado pela maioria das crianças (n=12, 75%), que foram explicitando o acontecimento em si e o motivo subjacente a esta rutura. O Miguel (10 anos) referiu que: "aos 5 lembro-me que vim para aqui... Estava lá no infantário e foi lá a segurança social buscar-me... (...) Pôs-me num carro e vim para aqui. (...) Eu fiquei contente... ela deu-me brinquedos. A minha mãe não podia ficar connosco... não tinha condições. (...) Olha porque não tinha dinheiro... sei lá... Não fazia nada, só ficava em casa... Íamos à escola... mas ela ficava o dia todo em casa, não trabalhava...". A vida na *Instituição*, nomeadamente acontecimentos ocorridos nesta, as rotinas estabelecidas, as atividades proporcionadas e a relação com os funcionários, foi mencionada pela

maioria das crianças ao elaborarem as suas narrativas de vida ($n=12$; 75%). Nos relatos acerca do acolhimento residencial, as crianças apresentam-se frequentemente empenhadas em mostrar as suas vivências quotidianas. Verificou-se que nenhuma das crianças narrou acontecimentos negativos no acolhimento residencial, como exemplifica o discurso da Carla (8 anos): “*Eu gosto de estar aqui... muito, porque estamos ‘segurados’ aqui, andamos na escola, temos tudo, não nos falta nada aqui no centro. Temos professores, temos vigilantes, empregadas, cozinheiras...*”. A categoria temática de *Contacto com a família biológica após a institucionalização* inclui, as referências às idas a casa e as visitas da família na residência de acolhimento e surgiu em mais de metade das crianças da amostra nas suas narrativas de vida ($n=11$; 68.75%). A título de exemplo, a Maria (8 anos) contou: “*A minha mãe vinha e agora a minha mãe não tem vindo cá... E o meu pai tem telefonado e tentando ligar à minha mãe para ela vir, só que a mãe não vem*”. A categoria *Alterações dos seus projetos de vida* durante o período de acolhimento residencial emergiu em metade das crianças da amostra ($n=8$; 50%). A Carla (8 anos) expôs a sua situação: “*E eu estou quase a ir embora de vez para casa e queria que corresse tudo bem para todos e que ficassem todos felizes e família tudo bem. Porque quando acabar a escola, antes de eu ir embora de vez, vou ao tribunal para eu dizer se quero ir para o meu pai ou para a minha mãe mas eu ainda não sei... Ainda estou a pensar e quando chegar à altura vou embora. E vou ter saudades deles*”.

No âmbito do contexto escolar, surgiram nas narrativas de vida 4 categorias temáticas: escola; educador/professor; jardim-de-infância; e mudanças de escola.

A maioria das crianças ($n=15$; 93.75%) referiu a *Escola*, relatando acontecimentos ocorridos neste contexto, as atividades escolares, as transições de ano e as retenções. A Cátia (9 anos) contou: “*Foi quando eu passei de classe... Para a 3ª classe... Eu fui para a 3ª classe, mas no 2º e no 1º já tinha tido inglês... tive excelente a inglês, a música também tinha bom e a ginástica, só que depois quando eu fiz 9 anos, ainda não tinha passado*.” A categoria *Educador de Infância ou Professor* foi usada para as referências aos nomes e/ou a interação com essas pessoas, tendo surgido nas narrativas da maioria das crianças ($n=9$; 56.25%). O Ivo (8 anos) reportou: “*E a minha professora que se chama Lídia já não vai mais ser minha professora, porque ela vai para outra escola e eu vou ter outras professoras. Eu gosto dela porque ela é boa para nós, só ralha às vezes quando nós nos portamos mal, às vezes*”. O *Jardim-de-infância* foi englobado nas narrativas de vida de metade das crianças da amostra ($n=8$; 50%), que referiram a entrada para a pré-escola ou infantário, tal como os acontecimentos e atividades ocorridas neste contexto. A Telma (11 anos) lembrou que: “*Havia no infantário uma sala de pintura, outra sala de leitura e uma sala onde nós fazíamos jogos e isso... Eu ia sempre para a sala de leitura e para a sala de pintura, para os desenhos, mais nada. Depois fazíamos jogos, íamos a passeios*”. As *Mudanças de escola*, enquanto descontinuidades na vida da criança, nomeadamente no que respeita a alterações de jardim-de-infância ou escola, foram relatadas pelas crianças enquanto narravam a história da sua vida ($n=5$; 31.25%). A Inês (10 anos) contou: “*Eu estava na escola do M. até ao segundo ano mas depois fui para (...), que era esta que eu gostei mais*.”

Associado ao contexto dos pares, surgiram na análise das narrativas de vida elaboradas pelas crianças 3 categorias temáticas: referência a amigos; brincadeiras; e conflito com pares.

Os *Amigos* foram integrados na maioria das narrativas de vida ($n=11$; 68.75%), com abordagem aos nomes destes, e às interações e/ou acontecimentos específicos com eles. A Inês (10 anos) contou: “*Já conhecia lá [residência de acolhimento] amigos, foi lá que conheci a minha melhor amiga, a minha melhor amiga... tenho várias, mas ela é a minha melhor amiga das melhores amigas*”. As *Brincadeiras* preferidas ou habituais das crianças foram, igualmente, mencionadas por estas ($n=9$; 56.25%). Sobre este tópico, a Telma (11 anos) acrescenta “*Brincava às caçadinhas, às escondidinhas, com jogos... À tarde íamos descansar, acordávamos outra vez e tínhamos um jogo que era de esconder assim atrás das costas...andar de bicicleta, de triciclo, brincar com os Nenucos. Fazia desenho com caras muito grandes*”. O tema *Conflito com pares*, com a referência

e/ou descrição de discussões ou zangas com estes, foi integrado em quase metade nas narrativas de vida analisadas ($n=7$; 43.75%). A Telma (11 anos) mencionou: “*A minha mãe tinha-me comprado várias coisas e depois eu andava sempre a brincar, com os meus vizinhos e uma vez o meu vizinho começou-me a bater e eu também lhe batia. Ele ferrou-me e eu também lhe ferrei a ele e depois a mãe do meu vizinho disse assim “ai os meninos... andam a ferrar uns aos outros” depois nós começámos a rir*”.

As categorias temáticas que surgiram como transversais a mais do que um contexto mencionado foram 5: Férias e/ou Viagens; Festas; Alimentação; Acidentes; e Presentes.

As *Férias e/ou Viagens* foram incluídas nas narrativas de vida de 6 crianças (37.5%), que descreveram os acontecimentos vivenciados inerentes a esta temática. A Mafalda (9 anos) descreveu uma viagem: “*Depois chegou as férias do verão e fui para a praia. A água era gelada, lhec! Depois um dia, também, fomos para uma quinta e foi super fixe! Tínhamos que levar tendas, levamos piscina... Fomos de autocarro e já está!*”. As *Festas*, como por exemplo as de aniversário ou Natal, surgiram nas narrativas de vida elaboradas por 6 crianças (37.5%). A Daniela (12 anos) relembrou: “*Eu tinha dez anos e, então, a minha mãe estava a preparar uma festa para mim. Estavam as duas a preparar ao mesmo tempo e o meu tio até que disse à minha avó que ia fazer uma coisa e estavam os três! E eu indecisa, a qual festa ir, fui às três.*”. O tema da *Alimentação* foi relatado por algumas crianças ($n=5$; 31.25%), que mencionaram os seus gostos relativamente a determinado alimento ou refeição. A Mafalda (9 anos) contou: “*E a minha comida favorita quando era bebé era Cerelac e Nestum*”. Os *Acidentes* foram, também, integrados nas narrativas de vida das crianças ($n=4$; 25%), como referência a quedas, acidentes de viação e atropelamentos. A Maria (8 anos) contou que: “*Olha, um dia até me aleijaram... olha um dia caí, rachei o queixo, tive que levar 12 pontos!*”. Por último, um quarto da amostra abordou o tema dos *Presentes* nas suas narrativas ($n=4$; 25%). A Alexandra (7 anos) recordou: “*Quatro anos. Depois conheci o tio Aires, deu-me uma caixa de lápis de cera, e lápis de cor e borracha e borracha de caneta*”.

Discussão

Um dos resultados a sublinhar na presente investigação foi o facto de as crianças em acolhimento residencial, não obstante o seu percurso de vida marcado por ruturas e trauma, serem capazes de elaborar narrativas de vida com diversidade temática, não se mostrando rigidificadas numa temática monocórdica. Ou seja, as suas narrativas de vida não surgem saturadas num tema, conseguindo evocar e explorar acontecimentos de diferentes temáticas. Tendo em consideração que as narrativas saturadas quanto ao conteúdo temático transmitem pouca capacidade de adaptação a novas situações e, por outro lado, que uma maior diversidade temática corresponde a narrativas mais adaptativas provenientes de narradores com mais recursos para encararem mais positivamente novas experiências (Gonçalves, 2000), a diversidade temática das narrativas destas crianças surge como um dado positivo, sugerindo estar preservada, não obstante os maus-tratos vividos.

Os percursos de vida destas crianças pautados por várias adversidades levaram à necessidade de se encontrar uma solução alternativa aos cuidados das suas famílias biológicas, surgindo assim a integração numa casa de acolhimento. Levantava-se a questão de saber se estas crianças incluiriam este contexto familiar e o contexto de acolhimento na sua narrativa de vida e com que grau de envolvimento o fariam.

Assim, no que respeita aos contextos abordados nas narrativas de vida das crianças, emergiram o contexto familiar, escolar e de pares que são os comumente presentes na vida das crianças em geral. Além destes, as crianças mencionaram também o contexto de acolhimento residencial como parte do seu ciclo de vida e desenvolveram-no abordando variados temas. As crianças

apresentaram-se frequentemente empenhadas em mostrar as suas vivências quotidianas e parecem perspetivar este contexto do acolhimento como parte do seu percurso de vida, integrando-o no *continuum* da sua história. Este aspeto reveste-se de particular interesse se tivermos em consideração que, talvez pela pretensão dos adultos de que as medidas de acolhimento sejam temporárias e breves, o discurso dos técnicos sugere que as crianças evitem considerar que estão na sua casa, focando-se nas expectativas de transição futura, arriscando-se a que durante aquele tempo pareça que a vida ficou suspensa. Salienta-se então a importância para os profissionais, de se aperceberem de que o tempo vivido nas casas de acolhimento é expressiva e positivamente incluído pelas crianças nas suas histórias de vida, encorajando a que também estes lidem com esse tempo como uma etapa específica mas bem definida do ciclo vital da criança seja ela longa ou de curta duração.

Ao analisar o conteúdo temático das narrativas de vida dentro de cada contexto, verificou-se, também, que as crianças em acolhimento residencial integram na sua autobiografia experiências de vida que são transversais ao percurso desenvolvimental de qualquer criança, como a escola, os irmãos, os pares, festas, férias, com vivências atípicas como os maus-tratos, a retirada da família biológica e o acolhimento residencial. Este dado lança importantes pistas para a prática com estas crianças e para a investigação nesta área, na medida em que sugere que as crianças parecem conseguir dar significado às variadas experiências vivenciadas e perspetivá-las como parte da sua história. O trabalho de significação de experiências passadas é essencial para a preparação da criança para projetos futuros, remetendo assim para a relevância de se potenciar este trabalho de construção narrativa, nomeadamente através do suporte de um adulto capacitado para tal.

Em relação às referências mais específicas que foram surgindo nas narrativas analisadas, realçamos a referência ao contexto familiar e às temáticas abrangidas nesta categoria. Este resultado parece sugerir que as crianças são capazes de referir as mudanças existentes ao longo do seu percurso desenvolvimental ao contar a sua história de vida. Assim, indo de encontro ao terceiro objetivo do estudo, os resultados transmitem que as crianças a viver em acolhimento residencial apresentam recursos que lhes permitem incluir acontecimentos de vida desafiadores para a continuidade da sua história, tais como a transição entre o contexto familiar e a residência de acolhimento ou mesmo as mudanças de casa, de escola ou de agregado familiar, ainda que estes se configurem como momentos de tensão, rutura ou crise tal como Oliveira, Rego e Aquilino (2006) postulam. Assim constatou-se que as crianças, mesmo tendo vivido acontecimentos de vida adversos no seu contexto familiar, incluem na história de vida o passado com as famílias e, muitas vezes, narraram experiências com muito detalhe e envolvimento. Este aspeto lança uma pista para a importância de, no contexto do acolhimento residencial, se proporcionar oportunidades para que as crianças possam explorar as suas memórias com um adulto que contribua para a expansão dos significados de tais recordações. E salienta a disponibilidade para a abertura de comunicação sobre o passado por parte destas crianças, sugerindo que sejam os adultos a se questionar, quando tais diálogos com estas crianças e jovens lhes suscitam tantas dúvidas e receios.

Apesar de as crianças terem referido nas narrativas de vida a transição entre a família biológica e a residência de acolhimento, verificou-se que o momento específico da retirada da família biológica e a chegada ao acolhimento residencial são relatados pelas crianças como algo confuso para si e com lacunas de informação, o que vai de encontro aos dados de Carvalho (2009), alertando para a pertinência dos profissionais que acompanham esta transição terem uma maior atenção às necessidades de orientação das crianças nesses momentos e, posteriormente, de ajudarem a criança a construir significados acerca dessas experiências. Parece-nos, então, essencial que os técnicos que acompanham estas transições estejam preparados e conscientes de que a retirada da família, independentemente da sua história, representa uma rutura para a criança e que quanto mais abrupta e parca em informação for esta transição, mais difícil será para a criança dar-lhe significado. Além disso, já no contexto de acolhimento residencial surge como essencial envolver a criança em todo o processo de modo a que este faça sentido para si e diminua o caráter ameaçador que comporta

o desconhecido. Deste modo, reveste-se de particular importância que os psicólogos nas instituições trabalhem estas questões com as crianças, intervindo para as ajudar a libertar da culpa e autodesconfiança tão frequentemente presentes no seu discurso. Também outras transições, como mudanças de escola e mudanças de casa, surgiram, muitas vezes, pouco claras e parcas no que respeita ao seu conteúdo, algo que poderá prender-se com a falta de continuidade dos adultos cuidadores e com a falta de estrutura nas famílias biológicas. Desta forma emerge a importância de explorar e elaborar um fio condutor destas experiências com as crianças. Neste estudo, este aspeto foi potenciado pelo instrumento de recolha da narrativa, que permitiu que o entrevistador se assumisse como um andaime na construção da narrativa, resultando em que todas as crianças tenham sido capazes de elaborar uma narrativa de vida e que, no final, se manifestassem muito satisfeitas e com vontade de mais encontros como esse. Com efeito, a entrevista referida poderá constituir em si mesma um instrumento também útil para a prática profissional.

Por último, as crianças desde cedo se confrontam com a necessidade de significar as suas experiências e as dos adultos que fazem parte dos contextos onde se inserem, porém, esta tarefa surge como desafiadora para as crianças que têm pouca experiência. Assim, a escassez de recursos para significar os acontecimentos, como a falta de informação e a inexistência de um suporte adequado para o desempenho desta tarefa, levam a que as crianças procurem significados alternativos, pouco adaptativos e, por vezes, desestruturantes para si, como por exemplo, percecionarem a retirada da família biológica como consequência de uma ação sua (asneira). Cabe ao adulto explorar com a criança significados para estas experiências, auxiliando-a a integrá-las na sua história de vida. A casa de acolhimento surge como um local privilegiado onde este trabalho deverá ser realizado (Paiva, 2012). Os técnicos das instituições e os profissionais experientes neste suporte surgem como grandes potenciadores desta tarefa, com vista à promoção do bem-estar das crianças em questão.

Em suma, o nosso estudo sugere que as crianças não ficam absortas nos temas de trauma, englobando no seu discurso todo o resto da existência. Nestas narrativas encontrou-se, ainda, uma grande vitalidade e multiplicidade temática sugestiva de uma narratividade fluída e globalmente funcional, o que sugere a sua resiliência e o *empowerment* da competência narrativa. Entretanto, faz-nos também pensar na importância de, nos seus ciclos conversacionais, as várias temáticas encontrarem espaço, não sendo o adulto a ter a iniciativa de vedar domínios da sua experiência, o que poderá contribuir para eventuais bloqueios na respetiva significação. A fluidez narrativa encontrada, contrasta aliás com alguns exemplos de narrativas de vida em jovens adultos adotados, com passados igualmente adversos, em que no estudo de Vieira e Henriques (2013) evidenciaram tendência para essas experiências de vida aglutinarem a sua história, deixando na quase invisibilidade o resto da vida. Será assim de sublinhar que, a diversidade e fluidez das narrativas sobre a própria vida em crianças, ainda parece encontrar-se preservada.

Conclusão

O conteúdo das narrativas de vida das crianças com percursos de vida adversos e marcados pela descontinuidade não tinha sido estudado até ao momento. Assim, este estudo permitiu explorar os acontecimentos que estas crianças englobam nas suas narrativas de vida recorrendo à análise do conteúdo temático das mesmas. Foi, então, possível mapear as temáticas e contextos abordados nas histórias de vida destas crianças, sobressaindo a capacidade que as crianças em acolhimento residencial têm para referir os acontecimentos adversos e as mudanças vividas ao longo do seu desenvolvimento numa narrativa de vida, a par, de toda uma outra gama alargada de narrativas relativas a vivências normativas das crianças em geral. Os resultados desta investigação vêm mais ao encontro da perspetiva de que os acontecimentos traumáticos podem ser bem

recordados e integrados pelas crianças nas suas narrativas de vida, do que dos estudos que sugerem a dificuldade de acesso mnésico e dissociação desses acontecimentos. Um outro resultado de grande importância, prende-se com o facto da narrativa dessas vivências não surgirem como dominantes na narrativa de vida, saturando-a e retirando o espaço para as outras experiências, mas, emergirem antes articuladas com outros acontecimentos de vida muito diversificados e valência emocional positiva, negativa ou neutra. Encontrou-se assim uma grande diversidade temática nas narrativas de vida das crianças, a qual contribuirá para narrativas adaptativas.

Em investigações futuras, seria pertinente explorar o conteúdo temático das narrativas de vida de crianças que não vivenciaram acontecimentos adversos como os maus-tratos e a institucionalização, de forma a comparar os temas abordados pelas crianças ao contar as suas histórias de vida com os das crianças a viver em acolhimento residencial. Seria interessante aprofundar o processo de suporte do adulto à elaboração dos significados das experiências da criança, de modo a que a se venha a dispor, ao nível da intervenção, de estratégias eficazes para que a criança se oriente no caudal de experiências da sua vida e encontre significados libertadores para as vivências perturbadoras e stressantes. A construção de narrativas autobiográficas diversas, complexas e coerentes, poderá contribuir para o bem-estar (Baerger & McAdams, 1999; Gonçalves, 2000) e o desenvolvimento saudável destas crianças, augurando-se a projeção de narrativas de êxito para o futuro.

Referências

- Alberto, I. M. (2002). "Como pássaros em gaiolas?". Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol. 2: Crianças* (pp. 223-245). Coimbra: Quarteto.
- Angus, L., Levitt, H., & Hardtke, K. (1999). The narrative processes coding system: Research applications and implications for psychotherapy practice. *Journal of Clinical Psychology, 55*, 1255-1270.
- Baerger, D. R., & McAdams, D. P. (1999). Life story coherence and its relation to psychological well-being. *Narrative Inquiry, 9*, 69-96.
- Bailey, H., Moran, G., & Pederson, D. (2007). Childhood maltreatment, complex trauma symptoms, and unresolved attachment in an at-risk sample of adolescent mothers. *Attachment & Human Development, 9*, 193-161.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977)
- Bluck, S., & Habermas, T. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin, 126*, 748-769.
- Bruner, J. (2002). *Actos de significado: Para uma psicologia cultural* (V. Prazeres & A. Mourão, Trad.). Lisboa: Edições 70, Lda. (Original publicado em 1990)
- Carvalho, T. (2009). *A experiência subjetiva de crianças e adolescentes institucionalizados: Percepção em torno do processo de institucionalização e da experiência na instituição*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Conway, M. A., & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review, 107*, 261.
- Fivush, R. (1998). Children's recollections of traumatic and nontraumatic events. *Development and Psychopathology, 10*, 699-716.

- Fivush, R., Berlin, L., McDermott Sales, J., Mennuti-Washburn, J., & Cassidy, J. (2003). Functions of parent-child reminiscing about emotionally negative events. *Memory, 11*, 179-192.
- Glaser, G., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. United States of America: Transaction publishers.
- Gonçalves, O. (1994). From epistemological truth to existential meaning in cognitive narrative psychotherapy. *Journal of Constructivist Psychology, 7*, 107-118.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, O., Korman, Y., & Angus, L. (2000). Constructing psychopathology from a cognitive narrative perspective. In R. Neimeyer & J. Raskin (Eds.), *Constructions of disorders: Meaning making framework for psychotherapy*. Washington: APA Press.
- Habermas, T., & Silveira, C. (2008). The development of global coherence in life narratives across adolescence: Temporal, causal, and thematic aspects. *Developmental Psychology, 44*, 707-721.
- Habermas, T., Ehler-Lerche, S., & Silveira, C. (2009). The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. *Journal of Personality, 77*, 527-560.
- Henriques, M. R., & Ribeiro, C. (2011). *How children talk about their maltreatment experiences? A narrative approach to their process of meaning construction*. Poster presented at Society for Research in Child Development, Montréal, Canada.
- Howe, M., Cicchetti, D., & Toth, S. (2006). Children's basic memory processes, stress, and maltreatment. *Development and Psychopathology, 18*, 759-769.
- McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity, and the storied self: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry, 7*, 295-321.
- Neuner, F., Catani, C., Ruf, M., Schauer, E., Schauer, M., & Elbert, T. (2008). Narrative exposure therapy for the treatment of traumatized children and adolescents (KidNET): From neurocognitive theory to field intervention. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America, 17*, 641-664.
- Oliveira, M. K., Rego, T. C., & Aquino, J. G. (2006). Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: Ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições, 17*, 119-138.
- OMS. (s/d). *Health topics: Child maltreatment*. Retrieved from http://www.who.int/topics/child_abuse/en/
- Paiva, W. (2012). *Institucionalização e infância: Vivências e representações das crianças*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal.
- Pasupathi, M., Mansour, E., & Brubaker, J. R. (2007). Developing a life story: Constructing relations between self and experience in autobiographical narratives. *Human Development, 50*, 85-110.
- Procuradoria Geral Distrital de Lisboa. (2003). *Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo n.º 142/2015*, de 08 de setembro. Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=545&tabela=leis&so_miolo=
- Ribeiro, C. (2009). *As histórias que nunca te contei... Um estudo exploratório de narrativas de maus-tratos de crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Teixeira, D. N. (2014). *Produção de narrativas autobiográficas em crianças com percursos de vida típicos e atípicos: Coerência estrutural, produtividade e temáticas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

Valentino, K., Toth, S. L., & Cicchetti, D. (2009). Autobiographical memory functioning among abused, neglected, and nonmaltreated children: The overgeneral memory effect. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50, 1029-1038.

The narrative is a semantic unit in the form of history that allows the human being to give meaning to their experience. Research in the area has not been conclusive in respect to the ability of children who experienced maltreatment to integrate these experiences into their life narratives. Some researchers argue that maltreatment has an effect in the children's memory, hindering the recall and reference of these experiences; others argue that traumatic experiences may be better remembered and narrated than quotidian experiences.

This study aimed to map emergent themes in the life narratives of children with a past marked by early adversity, exploring if the theme of maltreatment is brought up in these narratives and/or even becomes the dominant theme. In this study participants were 16 children living in residential care, aged between 7 and 12 years old. The Life Narrative Interview with Children was used to collect life stories. The thematic analysis of life narratives allowed us to identify that children included an average of 15 themes in their life narratives, being that half of the children reported episodes of physical and/or psychological maltreatment.

The thematic diversity found in children's life narratives suggests the adaptive capacity of having available the multiplicity of experiences, without being overwhelmed by a rigid and monothematic narrative. In addition, the ability of many children to report maltreatment events, sets us aside from the hypothesis of forgetting or the inability to narrate and encourages the promotion of adaptive open, unconstrained, conversational spaces.

Key words: Autobiographical narratives, Life narratives, Children, Residential care, Thematic content.

Submissão: 09/03/2016

Aceitação: 31/01/2017